



O SAMBA DE RODA COMO DIÁLOGO UNIFICADOR ENTRE O CORPO E A PALAVRA

Ádila Manuele de Souza Barretto

Resumo: Este trabalho versa sobre impressões e considerações que entrelaçam o conhecimento acadêmico e experiências do coletivo “A corda Samba de Roda” em suas vivências e mobilizações sociais, o samba, como patrimônio imaterial, os corpos e os diálogos com a comunidade, que atravessa questões de territorialidade e resistência. Apontamos a importância da consagração desta manifestação no rol dos bens culturais que alçaram a categoria de patrimônio imaterial e o registro na memória popular sobre uma identidade coletiva, propondo indagações afim de romper acomodações.

Palavras-chave: samba, patrimônio imaterial, musealização, coletivo

Abstract: This work seeks to convey impressions and considerations that interweave the academic knowledge and experiences of the collective "A Corda Samba de Roda " in their experiences and social mobilizations, samba, as immaterial patrimony, bodies and dialogues with the community, that cross issues of Territoriality and resistance. We point out the importance of the consecration of this manifestation in the list of cultural goods that have promoted the category of intangible heritage and the registration in the popular memory of a collective identity, proposing inquiries to break accommodation.

Key-words: samba, Immaterial heritage, Musealization, collective



O corpo, o Samba e a Herança Ancestral.

O ato de transmitir o conhecimento de fatos, ritos, lendas e costumes através da oralidade é característico dos povos tradicionais africanos. Quem expressa a palavra é aquele que tem o conhecimento e o poder de proferi-la, quem a diz é responsável pelo poder de energia que a palavra carrega, sustenta o mundo. A palavra ganha vida no corpo, pela boca e o ouvido, tanto do mestre quanto do discípulo. A palavra não é um jogo efêmero sem potência ativa, ela sustenta a materialidade dos acontecimentos. Corta, aduba, floresce e renova as coisas do mundo. Através dela podem-se erguer e destruir nações. A palavra estabelece ciclos, temporalidades e territorialidades.

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apóie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.167).

A palavra vive no corpo, é no corpo que a palavra- enquanto tradição – ganha vida - lhe dá veracidade e força que permeia e desperta em cada indivíduo os elementos e transcendem o fenômeno do dizer e a arte de ouvir – a agregação social, sociabilidade, o estar-junto. Pensar o corpo como via de comunicação não é um debate novo, uma vez que nossos primórdios (pré-históricos) já utilizavam desses artifícios. Pensar num corpo que pode possibilitar a comunicação ou a própria fala numa sociedade ocidental, que nos conduz a cada dia ao processo de engessamento do corpo, principalmente o feminino. Perceber o corpo em manifestações populares, como o samba de roda, é ter acesso á um corpo-ritual, o corpo que celebra o coletivo e a história popular.

A rigor, todas essas danças faziam derivar a sua organização formal (incorporando, evidentemente os elementos específicos de cada região) do samba ou batuque africano, trazido para o Brasil por escravos originários de Angola e do Congo, principalmente (20). Viajantes portugueses (por exemplo, o escultor Alfredo Sarmento) referem-se ao batuque africano como uma forma teatralizada, um jogo cênico, através do qual se narram a uma

virgem “os prazeres misteriosos do casamento” . Embora se afirme que esta forma jamais foi evidente no batuque ou no samba brasileiros, a verdade é o samba, ainda hoje dançado em festas populares ou rodas (não-religiosas) realizadas em terreiros da Bahia, conserva traços do que poderia ser mimodrama : gestos das mãos, paradas , aceleradas, caídas bruscas, sugestivos requebrados dos quadris , constituem uma espécie de significantes mimétricos para um significado (já recalcado) que tanto pode ser a história de uma aproximação ou um contato quanto qualquer outro fato, em que o corpo seja dominante. (SODRÉ,1998, p. 29 e 30)

No corpo e pelo ritmo a palavra toma movimento: torna-se dança. Aqui ela manifesta-se em samba de roda:



Figura 1: Vivência do Coletivo na Pça Marechal Deodoro, conhecida como Praça das Mãos, Salvador - BA
Foto: Coletivo A Corda Samba de Roda, 2015.

O diálogo dos corpos no sistema de valores de matriz africana é um fenômeno constante entre o cotidiano e o sagrado. Dança-se em coletivo de modo improvisado, e não apenas em pares ou unidades. É comum nas sociedades tradicionais as danças em círculos ou rodas, como que reproduzindo o movimento da vida, de forma cíclica, a coletividade prevalece. Esse processo nos permite analisar de forma singular tais manifestações como o samba de roda, que ao ritmo da percussão, que é a “palavra do tambor” e não apenas onomatopeias aleatórias, onde o rito também é presente e evoca-se a presença da força



3º sebra mus

ancestral dentro dos contextos afrodíaspóricos. A polirritmia do movimento corporal africano é sagrada, a dança é celebração de nascimento, de morte, do plantio e colheita. O ritual do samba de roda é preservado na oralidade e vivência. A palavra que ali é proferida, ecoa como canto tanto quanto louvor, ganha vida e do efêmero no corpo nasce movimentos improváveis, por repetição (tal como um mantra), interação territorial e diálogo corporal, elementos que livros (eurocêtricos) não poderão ensinar, pois o ciclo onde o saber popular transita é a partilha social. Também não é comportado neste aprendizado a ideia de um “samba certo ou errado”, haverá de fato o samba, com variações de um território para o outro.

“O samba é a vida, é a alma, é a alegria da gente (...) lhe digo, eu estou com as pernas travadas de reumatismo, a pressão circulando, a coluna também, mas quando toca o pinicado do samba eu acho que eu fico boa, eu sambo, pareço uma menina de 15 anos.” (D. Dalva Damiana de FREITAS¹.)

Que corpo é esse que se movimenta junto á palavra? O corpo é a palavra? Que corpo é esse que pra além de “corpo físico” emite um saber do agora e do passado, ancestralidade herdada de uma matriz, ancestralidade e passado comum partilhado.

O corpo exigido pela síncopa do samba é aquele mesmo que a escravidão procurava violentar e reprimir culturalmente na História brasileira: o corpo negro. Sua integração com a música, através da dança, já era evidente no Quilombo dos Palmares: “Dispostas previamente as sentinelas, prolongam suas danças até o meio da noite com tanto estrépito batem no solo, que de longe pode ser ouvido”(1).(SODRÉ, 1979, p. 11)

O corpo negro é a herança viva, o maior testemunho documental da cultura material remanescente da história dos povos africanos. Este corpo é o âmbito que para além das definições vitimizadoras, experimenta a liberdade e ganha visibilidade no exercício do movimento no ritmo através da música e da palavra.

Como todo ritmo já é uma síntese (de tempos), o ritmo negro é uma síntese de sínteses (sonoras) que atesta a integração do elemento humano na temporalidade mítica. Todo som que o indivíduo humano emite reafirma sua condição de ser singular, todo ritmo a que ele adere leva-o a reviver o saber

¹ <http://sambadedalva.blogspot.com.br/2015/11/samba-de-dona-dalva-convida-para.html>

coletivo sobre o tempo, onde não lugar para angústia, pois o que advém é a alegria transbordante da atividade, do movimento induzido. (SODRÉ, 1998, p.21)

O exercício da liberdade proporcionado pelo samba suplanta o aprisionamento mental e a palavra reforça o poder, o esquecer do mundo para lembrar de si e dos seus e suas, da sua identidade pessoal-coletiva e pertencimento a uma comunhão afrodiáspórica e africana sem misticismos irrealis.

Por esse motivo a maior parte das sociedades orais tradicionais considera a mentira uma verdadeira lepra moral. Na África tradicional, aquele que falta à palavra mata sua pessoa civil, religiosa e oculta. Ele se separa de si mesmo e da sociedade. Seria preferível que morresse, tanto para si próprio como para os seus.

Como patrimônio a ser vivenciado, o samba de roda destaca-se por ser patrimônio vivo. A natureza da sua imaterialidade preenche todos os espaços, todos os vazios interiores e exteriores no espaço, territorializando-os em comunidade que partilha em uníssono a sua identidade exercida através da liberdade de dizer a palavra cantada e se libertar os gestos sem travas sociais externas à sua lógica.



Figura 2: Debate com mulheres do Samba de Roda Suerdick, em Paripe/Tubarão Salvador-Ba Foto: Acervo coletivo A Corda Samba de Roda, 2015.



3º sebra mus

Como forma de preservação do patrimônio imaterial, as vivências da tradição são um caminho de musealização descolonizada e estratégias de preservação que impactam as novas gerações e reforçam a valorização e a reprodução dos saberes pelos detentores da memória. Assim como as mestras e mestres do samba de roda, onde atualmente se preocupam com a salvaguarda do samba, cosmovisionando desde já a continuidade do processo cultural e patrimonial, para que a história possa ser contada com fundamentos precisos e reais.

O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra. (A HAMPATÉ BÂ, 2010).

Este potencial pode ser verificado na *Oficina Patrimônio e Cultura com a Mestra Ana Olga* que ocorreu em Tubarão, no ano de 2015, onde os integrantes do coletivo “A Corda Samba de Roda” (sambadeiras, sambadores, tocadoras(es)) puderam compartilhar junto à comunidade do subúrbio ferroviário, independente do grau de vínculo, seja ele direto ou indireto, uma experiência única onde o registro dessa memória se perpetua até hoje em vossas cabeças e corpos, não era mais o nome do coletivo que atuava, e sim o corpo imaterial do samba, que sem dúvidas é maior, Mestra Ana Olga nos diz que “O Samba de Roda é uma roda só” uma vez que estamos falando de povo, território e identidade, onde crianças, adultos e idosos comungam de um diálogo corporal ímpar.

A vivência do samba de roda traz o aprendizado pela razão e pela emoção, pela palavra, corpo e afeto característicos da experiência estética que implica a presença do ser em sua totalidade. Na troca entre o novo e o antigo, o passado é renovado e o novo encontra seu fundamento e projeto de futuro. Das trocas vividas nesta vivência observamos que “Se a fala é força, é porque ela cria uma ligação de vaivém (*yaa-warta, emfulfulde*) que gera movimento e ritmo, e portanto, vida e ação.” (HAMPATÉ BÂ, 2010), unificando diversos e diferentes indivíduos através de um passado comum partilhado na palavra e no corpo.



Figura 3: Samba de Roda na praça de Tubarão
Foto: Acervo coletivo “A Corda Samba De Roda”

O Coletivo A Corda Samba de Roda

Criado em 2013 O coletivo “A Corda Samba de Roda” atua para a salvaguarda do samba e para celebração ancestral, com uma estratégia que não envolve amostras e exibições voltadas para o encantamento de público externo, com um formato espetacular ao modo dos antigos grupos parafolclóricos. Neste coletivo, o samba é um modo de fazer evocar, compreender e preservar a tradição inerente aos nossos corpos negros. É fazer evocar a cultura e tradição através da criatividade artística e na contemplação desta presença através de aspectos inconscientes e imemoriais, porém vivos em nosso corpo.

A importância desta prática e da sua reprodução é atestada pelo fato de que ainda hoje a prática do samba de roda incomoda muita gente, inclusive muita gente negra que desconhece sua herança, e estranha a presença do eco de um tambor em praça pública, reproduzindo a presença do estigma que ainda recai sobre a herança africana. Uma mulher trajando indumentária da saia de chita girando numa roda e de cabelo crespo ainda incomoda,

causa estranhamento, não como algo anacrônico, mas como uma manifestação deslocada do cotidiano; um cotidiano que sempre foi reservado à espaços pequenos, privados e periféricos.

Espanto e atração, o batuque provoca “como em toda história do negro no Brasil, as reuniões e os batuques eram objeto de frequentes perseguições policiais ou de antipatia por parte das autoridades brancas, mas a resistência era hábil e solidamente implantada em lugares estratégicos, pouco vulneráveis”. (SODRÉ, 1998, p.14).



Figura 4: Roda de samba na praça de Tubarão com Mestra Ana Olga do Samba Suerdick
Foto: Coletivo A Corda Samba de Roda, 2015.

A cultura africana e suas variações afrodiasporicas utiliza da sabedoria “GRIÔ” para condução e execução de seus ritos e festas, é uma cultura de resistência, tudo que nossos ancestrais fizeram a muito custo atravessa séculos, mesmo que isso não seja contado eurocentricamente.

O samba não é "científico" nos moldes da modernidade, mas, não deixa de ser uma ciência como modo legítimo do fazer. Uma roda de samba pode ser compreendida como um processo de musealização descolonizado, na medida que preserva pela atualização, realização, restaurando e preservando a prática, documenta pela palavra dos mais velhos registrando a origem e o saber antigo, comunica a outros a presença e a realidade de um povo que é passada

através da sua tradição , do seu modo de existir e criar, e principalmente, forma e educa porque quem possui a palavra é o mais velho, o detentor do conhecimento ancestral, e por fim valoriza a experiência de uma tradição, de uma identidade. Falar de museologia é falar dos valores que as civilizações transmitem através das gerações e nos confere humanidade e seu legado.

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial.(HAMPATÉ BÂ,2010, p.169)



Figura 5: Sambadeiras do coletivo “A Corda Samba de Roda”,
Foto: Coletivo A Corda Samba de Roda, 2015.



3º sebra mus

No samba de roda a palavra então é carregada de experiências, sabedoria de uma “magia museal” que transforma o ordinário em extraordinário, o comum em peculiar, colocando a produção humana no ciclo da natureza, da vida e do território.

Durante a recepção/vivência do Samba Suerdick em Paripe/Tubarão, onde a comunidade fora contemplada, foi possível observar sutilidades de grandes efeitos. A realidade das periferias em geral, quando transmitida por fontes midiáticas prevalece há décadas, por conveniência da supremacia racista e exclusiva, precisamente me referindo sobre as periferias/comunidades de Salvador/Ba que são as nossas periferias soteropolitanas, esquece-se de contar sobre os frutos e trabalhos comunitários que são realizados entre adultos, jovens e crianças, não por menos, sabe-se que não é vantajoso que se descubra potências nas periferias e suas ramificações, que são de grandes efeitos para o agora e para o futuro.

Falando-se especificamente da comunidade de Tubarão, que é banhada pelo mar, por esse mesmo motivo denomina-se também uma comunidade ribeira, na qual muitos de “seus filhos e filhas” sobrevivem ainda da maré, alguns ainda da pescaria, com seus barcos ancorados no mar do subúrbio ferroviário que ali se estende, o labor das marisqueiras que na própria praça junto aos pescadores vendem para comunidade o fruto do mar e do seu trabalho por valores, tendo como referência o comércio tradicional, irrisórios. Tem os “carrinhos de mão” que circulam pela comunidade com frutas, verduras e ovos.

Projetos sociais sem apoios governamentais também são fontes potentes de educação e ensino informal para as crianças e jovens, tratando-se do coletivo “A Corda Samba De Roda” podemos identificar os trabalhos desenvolvidos com muito empenho por Natureza França, fundadora do coletivo, desde 2013 e sua trincheira que deriva de diversas outras adjacências de Salvador afim de mobilizar os trabalhos voltados para o samba de roda, onde dentre tantas coisas para além, se aprende a responder o couro, a elaborar músicas de samba (corridos ou chulas), festa das caretas que já é tradição da própria comunidade, escuta de cd’s de samba ou da cultura popular como jongos e cocos, e desde quando se inicia o trabalho, encontra-se obstáculos, pois não há apoio de recursos financeiros ou governamental, porém encontramos

mais caminhos e vontade do fazer do que a própria dificuldade, não que elas não existam , mas tendo a fundamentação do samba de roda da Bahia , as saias de chita que aos poucos foram sendo compostas com recurso financeiro próprio, com muito esforço, tecidas por costureiras da própria comunidade que auxiliaram bastante nesse processo.



Figura 2 " A Corda Samba De Roda" Ensaio aberto em Tubarão
Foto: Acervo do coletivo.

Tudo isso é transmitido através da experiência do coletivo do samba. Sabemos que quando sambamos emanamos uma simbologia insondável, de sabedoria, valores e humanidade. Como afirma (LEITE, 1995/1996, p. 110) “as principais instâncias das práticas históricas são dotadas de alguma dimensão ancestral, tais como: preexistente e suas interferências na sociedade, divindades e criação do mundo; natureza, homem e sociedades; espaço e tempo; conhecimento;”

Relatos de integrantes do coletivo “A Corda Samba de Roda” :

Relato de Thaís Gouveia, sambadeira e integrante do coletivo “A Corda Samba de Roda”.

“Desde que ingressei no “A Corda Samba de Roda”, tem sido muito aprendizado, pois é um coletivo que busca estar em contato com os mestres e mestras do samba de roda, e desde



3º sebra mus

então participei de várias atividades, dentro da cidade de Salvador e fora da cidade também, o que só enriquece a relação ancestral com samba, com meu corpo, minha história, minha vida. Um dos momentos mais especiais que nós vivenciamos foram as idas pra festa da Boa Morte onde a gente pode estar em contato com Dona Dalva Damiana que é uma grande mestra do samba e que a gente pode participar junto com elas(Samba Suerdick) no cortejo que elas saem na rua; E isso foi ver o quanto a gente não sabe ainda né?

Sobre a cultura popular, sobre o samba de roda, sobre toda essa magia, toda essa ciência e é só aprendizado estar com elas, sambar com elas, compartilhar esses momentos e poder valorizar e saber né? Como essas mestras pensam, como elas veem esse samba, como elas veem nós, os mais jovens que estamos aqui pra fortalecer também, outro momento muito importante acredito que pro “A Corda” também foi quando as sambadeiras do samba de roda da Suerdick de Dona Dalva vieram(á Salvador) e fizeram uma vivência lá em Tubarão, foi algo muito especial, e que a própria comunidade de Tubarão pode participar, e conhecer Dona Aurinda também, é outro momento muito especial, que é uma senhora que toca com prato né? E ela mora na ilha e ter essa relação com mar com a ilha que é uma região tão forte né? E saber que ela resiste tocando o samba dela no prato e só aprendizado mesmo né? Estar com Natureza que é uma mulher que realmente tem uma missão, máximo respeito a ela e todas as companheiras do coletivo, e apesar de ser um coletivo que é liderado por mulheres tem os homens que são companheiros-amigos e que fortalecem tocando também e contribuindo pra essa construção da identidade mesmo do samba de roda, é isso.”

Relato de Ádila Barretto, sambadeira e integrante do coletivo “A Corda Samba De Roda”

“O samba me incorporou uma nova perspectiva de vida, eu já gostava de dançar, dançava bastante, mas o corpo que descobri sambando é outro, ele é de improviso e de força, é diferente de coreografia ou estético, inclusive são palavras que não acredito que combine ou tenha relação direta com isso, é mais, digo de forma real, é alegria, é mais pela história do que pela personalidade-ego, aliás isso é uma coisa que se precisa de bastante cuidado, é humildade,



3º sebra mus

o samba ensina humildade, conquista , território, afirmação de identidade, com classe e espontaneidade, ser quem é , e as portas que o coletivo “ A Corda Samba de Roda” me abriu um caminho circular, eu agradeço demais por ter conhecido Natureza, que é uma mulher que não para, que não desiste, ela nos diz que o samba é missão.”

Conclusão

Este texto propôs uma discussão sobre as possibilidades de transformação reais que o samba de roda oferece enquanto patrimônio imaterial e, também, como os coletivos assim ao modo de “A Corda Samba de Roda” atuam na sua salvaguarda, e na sua relevância dentro das periferias soteropolitanas..

Salientei aqui, o samba enquanto força motivadora, descolonizadora e educacional dentro e fora dos seus âmbitos de produção midiática, pois a oralidade que emana força na palavra manifestada em corpos que dançam e ecoam as linguagens e mensagens para além do que um livro ou um museu tradicional possam comportar.

Compreendendo os contextos culturais afrodiáspóricos baseados e fundamentados na tradição ancestral africana é que podemos captar os processos do corpo-ritual, um corpo que celebra através dos relatos e experiências o saber oral do samba em comunhão com mestras do samba que se fizeram presentes no coletivo “A Corda Samba de Roda” para compartilhar com a comunidade do subúrbio ferroviário as práticas cotidianas, a história popular e coletiva e a ocupação de territórios para ampliar horizontes da juventude vindoura, agindo tanto enquanto salvaguarda da memória, quanto em celebração do corpo livre, liberto de tudo que na cultura ocidental é vergonhoso ou inadequado.

Aqui descrevemos o corpo-território da evocação ancestral e nota-se que a descolonização da história dos povos em diáspora precisa do movimento livre, pra além do que quatro paredes possam conter/contar como memória ou patrimônio.

Referências bibliográficas

BÂ, A Hampaté. *A tradição viva. In Metodologia e Pré-História da África*. Brasília, Unesco, 2010.

LEITE, Fabio. *Valores civilizatórios em sociedades Negro-Africanas*. São Paulo, Africa: Revista do Centro de Estudos Africanos, 1995/1996.

SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro, Mauad, 1998.

IPHAN, *Samba de Roda do Recôncavo Baiano*, 2006, Brasília/DF

Entrevistas :

Diálogo com Natureza França, fundadora e coordenadora do coletivo A Corda Samba de Roda.

Diálogos com sambadeiras do Coletivo A Corda Samba de Roda